

REPRESENTAÇÕES DA LEITURA FEMININA NO DISCURSO DOS JORNAIS: O CASO DE PELOTAS–RS NO FINAL DO SÉCULO XIX

RENATA BRAZ GONÇALVES (FURG).

Resumo

O presente texto apresenta alguns resultados da pesquisa em desenvolvimento que tem por objetivo identificar representações da leitura feminina nos discursos difundidos nos jornais diários que eram produzidos na cidade de Pelotas – RS no final do século XIX. No final do século XIX já haviam sido produzidos cerca de 115 títulos de jornais em Pelotas, alguns com vida efêmera, outros apenas com edição especial, e vários com circulação regular quinzenal, semanal ou diária por muitos anos. De acordo com Loner (1998), os jornais do século XIX existiam em quantidade extremamente significativa para “uma cidade que, no início da República, possuía cerca de 25.000 habitantes apenas em sua zona urbana, sendo que 34% desses eram analfabetos, descontados os menores de oito anos”. A partir do conceito de representação de Roger Chartier (1990) e buscando abordar a materialidade do suporte, do texto e alguns aspectos da apropriação de leitura foram analisados exemplares de 28 títulos de jornais (noticiosos, comerciais, literários, humorísticos etc.) publicados entre 1875 e 1900, que estão disponíveis no acervo do Museu da Bibliotheca Pública Pelotense. A partir da Análise dos jornais verificou-se a existência de textos literários direcionados às mulheres, como é o caso da seção “Folhetim”, e de notícias, anúncios e editoriais que tratavam de questões relacionadas à educação feminina, sobre o papel da mulher na sociedade e críticas literárias que direcionavam as obras ora para homens, ora para mulheres. Foi identificada a publicação de textos de escritoras famosas na Europa e também de escritoras locais menos conhecidas. Constatou-se ainda, a publicação de cartas de leitoras ao jornal constituindo indícios de como poderia ser a apropriação da leitura dos periódicos. Os achados dessa pesquisa nos ajudam a conhecer as diferenças entre ser leitor e leitora no século dezanove e nos fazem refletir sobre essa condição na atualidade.

Palavras-chave:

História da Educação; , História da Leitura; , Gênero..

INTRODUÇÃO

Ao trabalhar com história da leitura procurei identificar e analisar práticas e representações da leitura “de” e “para” mulheres na cidade de Pelotas/RS no final do século XIX, através da análise de periódicos locais.

Nesta pesquisa, busco compreender como era representada e praticada a leitura por/para uma determinada comunidade de leitores, ou melhor, de leitoras: mulheres para quem os jornais destinavam ou censuravam seus textos, elegiam como assunto de discussão, e, também, abriam espaço para que suas palavras fossem publicadas.

Partindo da tese de que existia um considerável público leitor feminino em Pelotas no século XIX e de que esse público tinha influência na produção literária, artística e cultural da

cidade na época, diferentemente daqueles que contam a história unicamente a partir dos feitos masculinos, venho buscando responder algumas questões.

Que leitura era indicada às mulheres? O que não era indicado às mulheres? O que era proibido? O que liam as pelotenses? Como acessavam os materiais de leitura? Em quais espaços era realizada a leitura? Há indícios de apropriação da leitura por essas mulheres? As mulheres também escreviam nos jornais? Como abordavam as questões relativas à mulher nos jornais? Que contribuições as mulheres traziam para a vida literária de Pelotas no século XIX?

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS



Foram eleitos como fonte de pesquisa 29 jornais publicados em Pelotas no século XIX. O conjunto desses jornais é formado por títulos que se denominavam de variadas formas, como, por exemplo, comerciais, literários, políticos, noticiosos ou ilustrados. Através da análise das fontes, tenho conseguido identificar várias situações do cotidiano da sociedade pelotense da época, o que permite a constatação da exequibilidade da pesquisa e a possibilidade de responder às questões de pesquisa levantadas a priori.

Para dar suporte a esta pesquisa, procurei abordar as noções e metodologias utilizadas e difundidas por historiadores da leitura que trabalham sob a perspectiva da História Cultural, com ênfase naquelas propostas por Roger Chartier.

Ao trabalhar com a noção de apropriação, Chartier utiliza-se do conceito criado por Michel de Certeau (1994), que diz que a apropriação é definida como o consumo cultural, ou seja, como uma operação de produção que embora não fabrique nenhum objeto, assinala a sua presença a partir de maneiras de utilizar os produtos que lhe são impostos. Citando De Certeau, Roger Chartier ao falar sobre as apropriações, enfatiza as estratégias e as táticas:

As estratégias supõem a existência de lugares e instituições, produzem objetos, normas e modelos, acumulam e capitalizam. As táticas, desprovidas de lugar próprio e de domínio do tempo, são "modos de fazer" ou, melhor dito, de "fazer com"(CHARTIER, 1995).

De acordo com Chartier, as práticas de apropriação (táticas) são o contraponto às operações (estratégias) que visam disciplinar e regular o consumo cultural.

A outra noção central trabalhada por Chartier é a de representação, que tem várias formas de interpretação e significação. O conceito foi desenvolvido por autores de diferentes áreas como sociologia, artes e história, tornando difícil determinar um sentido único, permanente e universal.

Para Chartier (1990, p. 16), representação é o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais. Ou seja, característica de ser no mundo, significando um estatuto, um lugar, um poder, enfim, as formas institucionalizadas pelas quais os “representantes” encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou permanência de um poder.

Dessa forma, Roger Chartier afirma que a noção de representação permite articular três registros de realidade:

por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem, por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. (CHARTIER, 2002 : 11).

Segundo o autor:

Não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido escrito nas palavras, nos gestos, nos ritos. É por essa razão que os mecanismos que regulam o funcionamento social, as estruturas que determinam as relações entre os indivíduos devem ser compreendidos como o resultado, sempre instável, sempre conflituoso, das relações instauradas entre as percepções opostas do mundo social (CHARTIER, 2004: 18).

Dessa forma, os textos podem ser tomados como representações do passado vinculadas à visão da imprensa, a qual exprime posicionamentos e opiniões dos jornalistas, colaboradores e leitores.

ALGUNS RESULTADOS

De acordo com Loner (1998: 5), em Pelotas, no final do século XIX, havia um permanente desejo da sociedade em estar a par das novidades artístico e culturais, que podia ser observado através do “extraordinário florescimento de sua imprensa”. Segundo a autora, além dos jornais diários, centenas de outros periódicos surgiram a partir da segunda metade do século XIX, especialmente jornais de pequeno porte, extremamente diferenciados quanto ao seu conteúdo, tiragem e suporte.

Para Loner (1998: 6), os jornais do século XIX existiam em quantidade extremamente significativa para “uma cidade que, no início da República, possuía cerca de 25.000 habitantes apenas em sua zona urbana, sendo que 34% desses eram analfabetos, descontados os menores de oito anos”.

Na consulta preliminar a alguns desses jornais, pode-se perceber que os periódicos locais destacavam, diariamente, notícias sobre a vida social e cultural da cidade de Pelotas. Eram relatadas festas, reuniões, criações de associações, bailes, passeios, saraus, espetáculos teatrais, desfiles carnavalescos, bem como acontecimentos ordinários do dia-a-dia pelotense.

LEITURAS DE MULHERES E PARA MULHERES EM PELOTAS NO SÉCULO XIX

Conforme Maria Arisnete Câmara de Moraes (2002: 72), a literatura registra que muito se tem escrito e comentado acerca das relações das mulheres brasileiras com os livros e suas formas de apropriação. Da mesma forma, a literatura registra também as tensões que as mulheres enfrentavam, no início de sua formação como leitoras, no cenário brasileiro imperial, que estava prestes a tornar-se republicano. Segundo Moraes (1998), “às leitoras do século XIX, recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos”. De acordo com a mesma autora, para a sociedade daquela época, “oferecendo-se a uma leitura plural, o texto torna-se uma arma perigosa nas mãos das incautas leitoras que necessitam, segundo se julga, de uma interpretação de profissionais socialmente autorizados”. A prática da leitura era suprimida por uma relação de forças entre editores e consumidores, entre mestres e alunos, ou ainda entre pais e filhas.

Moraes ainda diz que quando se lê um texto sobre indicações de leitura para as donzelas do século XIX não se pode esquecer os códigos de moral vigentes que ainda

estavam longe de admitir a prática indiscriminada da leitura tanto para homens quanto para mulheres.

Segundo Perrot (2007: 33), além dos livros, existiam os jornais e revistas – dos quais as mulheres eram leitoras e produtoras. De acordo com a autora, elas pouco liam os jornais cujo conteúdo político se destinava mais aos homens. Ao tratar da relação das mulheres com a imprensa brasileira, Céli Pinto (2003: 31) informa que as atividades de mulheres feministas em jornais foram bastante expressivas e espalharam-se pelo país, pois, de acordo com a autora, na época, além dos jornais que circulavam nas capitais, havia um número incontável de pequenos jornais, tanto de interesse geral como de associações, sindicatos, grêmios literários ou que tratavam de assuntos específicos. A autora enfatiza que isso acontecia em um país onde mais da metade da população vivia no campo, e sua grande maioria era analfabeta. No caso das mulheres os índices de analfabetismo eram ainda mais alarmantes, mas mesmo assim os jornais de diferentes tamanhos e alcances tinham importância para divulgar notícias e construir opinião.

Na leitura das fontes identificaram-se textos que trazem a mulher como tema central, e outros que se direcionam para as leitoras. Além disso, acredita-se que algumas escritas femininas publicadas nos jornais indicam representações de leituras realizadas por essas mulheres, como se pode observar a seguir.

Mulheres como tema de debate: escritas sobre mulheres

A temática “mulher” é abordada na maioria dos jornais e percorre as três décadas estudadas. Encontram-se textos que versam sobre a importância da mulher na sociedade, e sobre como deve ser a sua conduta, enfatizando, por exemplo, que a educação é mais importante que a instrução, e que os livros, muitas vezes, podem “subverter” as mulheres, como se verifica no excerto abaixo:

A escola do Amor

[...] eu concordo que há romances realmente prejudiciais; mas não há livros que poderiam, sem perigo, instruí-la?

- *Ora! Quaes? A história é um estudo inútil.*

são os livros e o mundo que ensinam a mulher a ser coquette, e a pervertem. (Correio Mercantil, 07 de outubro de 1875, p.3-4)

Observa-se que a temática “mulher” refletia o que se discutia na sociedade, sendo inclusive tema de tese debatida nas associações literárias de Pelotas e cidades vizinhas:

Discurso

Proferido na 1º Palestra da Sociedade litteraria Íris Brazilico.

Convenho, pois, senhores, que se deve olhar com mais cuidado pela illustração da mulher; mas creio e penso que não se deve dilatar mais o âmbito das suas attribuições, porque, prossequindo, ella, em qualquer carreira litteraria, até obter uma formatura, os misteres.

Da sua própria profissão hão de dar-lhe cuidado que a obriguem a viver mais para si e para estranhos do que para aquelles que devem fazer parte da sua existência.

E assim esta mulher, se capta a nossa administração, também merece a nossa censura, e por seu marido só pode ser tida como um traste de necessidade material.

Admitta-se, pois, a possibilidade de poder existir uma mulher tão (solicita e previdente) que dispense seus disvelor e extremos, tanto sobre os entes que lhe são caros e vivem dos seus affectos, como sobre aquelles que por interesse material merecem seus cuidados.

(cont.) Fernando Pimentel pag 1-2

(Progresso Litterario, 29 de abril de 1877)

A mulher e a imprensa

Dois são os poderosos elementos das evoluções humanas na tragedia da vida: - a mulher e a imprensa.

A mulher é a existencia toda do homem, o santuario do amor, a brandura e a sensibilidade consubstanciadas.

A imprensa é a resultante do reecontro das faculdades, o motor gigantesco da civilização dos povos, a atalaia das liberdades publicas.

A mulher, educando a infantibilidade do lar, estabelece os fundamentos solidos de moralidade na familia, estreita os elos que a prendem aos filhos, fôrma os verdadeiros cidadãos e fixa na sua frente a corôa triumphal que eleva-a até Deus.

A imprensa, instruindo a juventude e illustrando a sensibilidade rompe as brumas da ignorancia, quebra a trave do indifferentismo, illumina a estrada da honra e do dever, proclama as virtudes, profliga os vicios e condemna os crimes das sociedades.

Ambas produzem revolta contra o germen do mal; ambas têm deveres sagrados a cumprir; ambas trabalham pela grandeza da patria; ambas marcham para o marco sublime a que as gerações successivas anceiam chegar: - a perfectabilidade.

Ambas são irmãs na idéa; irmãs são tambem na acção: - uma porém actua directamente sobre os individuos, a outra sobre a humanidade.

(A Discussão, 17 de agosto de 1881).

DIRECIONAMENTO DE LEITURAS À MULHER - LEITURA PARA MULHERES

Muitos textos eram direcionados às mulheres, principalmente os folhetins, onde as senhoras eram evocadas e muitas vezes tinham a sua opinião questionada. A existência desse direcionamento às mulheres provoca questionamentos: Que características tinham os textos? Como as mulheres eram tratadas? Que tipo de livros era indicado?

O LIVRO FECHADO – encetamos hoje, em folhetim, a publicação d'este interessante romance, produção de Amedée Achard, autor de Gilberta, que ultimamente reproduzimos, e de outras obras notáveis. É transcripto do Globo da Corte e merece ser colleccionado pelo bello entrecho e real merecimento litterario.

A's nossas leitoras o recommendamos. (Correio Mercantil, 26 de agosto de 1875, capa) [grifos meus].

ARCHIVO GERAL

A MULHER FORTE – è este o título de um livro com que acabamos de ser obsequiados pelo infatigável livreiro editor do Rio de Janeiro, Sr. B.L. Garnier, por intermédio da Livraria Americana.

*Destoando do costume invariável de receber com palavras encomiásticas os livros que nos offerecem cootidianamente, é com pesar immenso que a este não podemos conferir as mesmas honras, porque em consciencia, as não merece em sentido algum. A mulher forte é uma colleção de sermões ou conferencias **escriptas especialmente para senhoras** pelo arcebispo de Reims, Mr. Landriot, e destinadas a desenvolver no espírito frágil da mulher – consorte ou filha – o fanatismo pela religião ultramontana e isto debaixo de uns certos preceitos de philosophia theologal e fingida moralidade[...]*

*Dir-vos-hemos ainda **minhas senhoras**, que veleis nos jornaes, nos folhetins, nos romances? (Correio Mercantil, 28/04/1876, capa) [grifos meus].*

MULHERES QUE ESCREVEM SOBRE SUAS LEITURAS – LEITURAS DE MULHERES

Entendendo que a escrita é reflexo de leituras, pode-se dizer que os textos de mulheres publicados nos jornais são representações de suas leituras. Dessa forma, a seguir são apresentados textos escritos por mulheres que são escritoras (consagradas ou não) de

diferentes tipos de textos e, em alguns casos, também são leitoras dos jornais pelotenses do século XIX.

No jornal *Correio Mercantil* de 29 de abril de 1886, encontramos a publicação de um comentário da leitora Luiza Cavalcanti Filha sobre o texto da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho. A relevância desse comentário se dá em virtude de, além de ser um texto escrito por uma mulher, ser o texto de uma leitora, o que permite que possamos entender um pouco mais sobre como as leitoras poderiam se apropriar dos textos publicados no jornal que “falavam” *para* ou *sobre* elas. Outro aspecto relevante é o posicionamento contrário ao “machismo” que Maria Amália defendia. Se ao publicar o texto de Carvalho, a intenção fosse defender a postura contra a instrução feminina e a favor apenas da educação para o lar, com a carta de resposta da leitora, “o tiro não teria saído pela culatra?” Seguem trechos do comentário da leitora:

Fallemos da mulher

Sectaria fervorosa do adiantamento intellectual da mulher, obscuro satellite de sua evolucao litteraria, irresistivelmente impelida pelo desejo vehemente de vê-la a ascender a esphera luminosa do pensamento, ousou delinear duas palavras sobre o transcendente assumpto, assas discutido por áureas pennas cõnsicia de minha incompatibilidade derivada da tríplice falta: exígua intelligencia, acanhadissima instrucção e verdes annos[...]

[...] não devo portanto cohibir minhas opiniões: externo-as, embora rude e timidamente.

No alvorecer da existência, repleto de aspirações de esperanças fulgentes, o jovem Brazil almeja progredir, elevar-se a amplitude das cultas potencias européias, o que não conseguirá enquanto não compenetrar-se da absoluta necessidade de instruir a mulher, esta importante parte da dualidade humana.

Iluminar a mulher, dar-lhe ingresso no esplendido templo das sciencias – metamorphoseal-a – e arrancar-a do labyrintho de trevas em que jaz immersa, entregar-lhe o fio de ariadne – a instrucção [...]

Maria Amália Vaz de Carvalho afirma originar-se da inaptidão feminil a ruína capital da sociedade hodierna; diz a laureada e invejável escriptora lisbonense:

“Educar a mulher, eis o grande problema que resta ainda resolver.”

Quantos desvarios, quantos desenlaces dolorosos, fataes, obstrar-se-iam, se fosse a mulher devidamente educada, dse infundissem-lhe a alma a noção sublime do bem?

A missão terrena da mulher é a maternidade

Que esplendida! Que augusta missão!...

E, para desempenhar cabalmente tão sagrado dever, é mister cingirna fronte a auréola esplendorosa do saber.

Estude a donzela, despreze os bailes, os vãos saraos, onde, imperceptivelmente desprende suas azas cândidas, dedique-se ao cultivo do intellecto, que a coadjugada pela soberba intuição que deu-lhe a natureza, exhibir-se-há condignamente nas scenas da vida.

Felizmente na nossa dilecta província já destacam-se algumas senhoras que, quebrando a cadêa de errôneos preconceitos e falsas theorias, abraçam a senda do progresso tornando-se salientes nessa pléiade brilhante: Julieta Monteiro, Revocata de Mello, Cândida Fortes, cândida isolina de abreu, Honorina Torres – almas plenas de entusiasmo e sensibilidade – Antonieta Cezar Dias – inspirada criança, que permuta as blandícias do lar pelo banco acadêmico, as magas ilusões da juventude pelo livro árduo da sciencia.[...]

Luiza Cavalcanti Filha

(Correio Mercantil, 29/04/1886 col. 5 e 6) [grifos meus]

Ainda em defesa da instrução e em favorecimento da Bibliotheca Pública Pelotense, D. Angélica Borges da Conceição Filha profere discurso que é publicado no jornal Correio Mercantil de 10 de setembro de 1878.

Discurso proferido pela Exma. Sra. D. Angélica Borges da Conceição Filha

Progresso, civilização, luz e instrução, eis o que symbolisa esse pedaço de granito collocado na terra de Pelotas para attestar perante a posteridade a dedicação de seus illustres habitantes pela nobilíssima causa do aperfeiçoamento da humanidade.

Grandioso exemplo de amor ao belo, ao útil e ao sublime!

Erguer monumentos ao trabalho e á instrução, ensinar as classes desprotegidas da fortuna a pensar e sentir, a comprehender seus direitos e deveres, é de certo o que de mais nobre e generoso póde emprehender a iniciativa individual e o que de mais aprazível podem almejar as sociedades modernas.

A instrução é o ideal dos espíritos avançados, a alavanca poderosa que ha de mover as aspirações dos séculos e converter em realidade as esperanças dos povos que se empenham pela liberdade de crenças e ideas perante a igualdade licita de regalias e obrigações.

Quando os altos potentados políticos e sociais comprehenderem esta verdade e se esforçarem no sentido de eleva-la á ordem das doutrinas e ciências positivas, cessarão para sempre as ambições exageradas, as lutas constantes entre a democracia e os fidalgos hereditarios, para predominar a garantia de interesse e o respeito ás posições justamente adquiridas.

Distribui em abundancia – instrução e trabalho ao povo, que depende desses dois elementos de riqueza e felicidade – a firmeza de suas crenças, a consolidação de suas alegrias, o seu amor ás instituições, a homenagem mais sincera de apreço e admiração a tudo quanto se relacione com a virtude, a honra, o patriotismo e a moralidade.

No conchego intimo da família ou nas relações sociaes, a instrucção é tão necessaria ao espirito como o sol á vegetação e o ar á existencia.

Estudo e saber – eis os possantes motores da perfeição humana.

Estabeleçam-se bibliothecas e escolas por toda a parte; distribuíam-se livros e conhecimentos, que desaparecerão para sempre – o despotismo, o crime, a intriga, a inveja, o fanatismo, as paixões desordenadas e outros tantos sentimentos reprovaveis que se alimentam á sombra da ignorancia sustentada pela especulação dos mais atilados que fazem profissão do atrazo dos povos.

Rebrilhe a luz da instrucção como phanal da actualidade, que o futuro será um hymno de glorias ao progresso, ao bem e a sciencia.

Senhoras e senhores. – protegeei a Bibliotheca Publica Pelotense – Rodeai-a de favores e benevolencias. – Concorrei para que sobre aquella pedra fundamental se erga pujante e beneficente, que tereis prestado o mais assignalado serviço de engrandecimento e aos creditos d'esta cidade.

Da instrucção e do trabalho, depende o progresso, a civilisação e a liberdade.

(Correio Mercantil , 10 de setembro de 1878)

Ainda sobre a escrita de mulheres, a sra. *Anagramma de Arminda*, em 16 de dezembro de 1877, no Folhetim intitulado *Collaboração Feminina*, questiona sobre o porquê da mulher não ter direito de ir à imprensa para falar dos assuntos que lhe interessam. Fala que em alguns lugares as mulheres vêm se destacando, mas que, por exemplo, nos jornais a maioria dos artigos são escritos por homens. O que reflete uma constatação feita pela colaboradora do jornal em relação às suas leituras dos jornais.

Outra atividade que se configura em decorrência da leitura é a tradução. No excerto que segue, observamos a divulgação de uma tradução realizada pela professora Ursula Lima, indicando mais uma obra realmente lida por uma leitora pelotense:

Litteratura

N'esta secção de nossa folha de hoje, publicamos uma belissima traducção feita da variedade franceza – A virgem de Van-Dyck, pela professora Exma. Sra. D. Ursula da Silva Lima.

Para nesse primoroso trabalho chamamos a attenção dos leitores

(Correio Mercantil 28 de fevereiro de 1886 – P. 2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Análise dos jornais verificou-se a existência de textos literários direcionados às mulheres, como é o caso da seção “Folhetim”, e de notícias, anúncios e editoriais que tratavam de questões relacionadas à educação feminina, sobre o papel da mulher na sociedade e críticas literárias que direcionavam as obras ora para homens, ora para mulheres. Foi identificada a publicação de textos de escritoras famosas na Europa e também de escritoras locais menos conhecidas. Constatou-se, ainda, a publicação de cartas de leitoras ao jornal constituindo indícios de como poderia ser a apropriação da leitura dos periódicos. Os achados da pesquisa nos ajudam a conhecer as diferenças entre ser leitor e leitora no século dezenove e nos fazem refletir sobre essa condição na atualidade, pois, ao que tudo indica, naquele período a leitura e a escrita das mulheres adultas parecia ser conduzida/administrada por terceiros como o pai ou o marido, como vemos nas cartas que escrevem ao jornal. Percebemos também uma limitação nos assuntos permitidos/indicados como culinária, moda, etc., além da pouca diversidade de fontes para informação. Hoje ainda vemos o direcionamento de publicações para mulheres, mas observamos que os assuntos tratados nesses materiais são mais diversificados e que a escolha pela leitura desses materiais é feita pela leitora e não por um “condutor” externo. Resta-nos saber o que tem sido feito com essas leituras. Mas esta é outra pesquisa...

Referências

- CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. Petrópolis(RJ): Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Cultura popular**: revisando um conceito historiográfico. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.8, n. 16, 1995.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores da França do antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- LONER, Beatriz Ana. **Jornais pelotenses diários na República Velha**. Ecos Revista, Pelotas, V. 2, n.1. abr. 1998.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **A leitura de romances no século XIX**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 19, n. 45, 1998. p. 71-85.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.